

LEITURAS DE ROMANCES NA REDE

IZA TEREZINHA GONÇALVES QUELHAS (UERJ-FFP), GABRIEL DA MATTA (UERJ/FFP).

Resumo

LEITURAS DE ROMANCES NA REDE Iza Quelhas (Prof. Adjunto, FFP–UERJ) Gabriel da Matta (Bolsista PIBIC–UERJ, graduando Letras FFP–UERJ) Nosso trabalho compreende o caráter radicalmente enunciativo da linguagem, na via dos estudos da Sociocrítica, em que o dito e o dizer, o texto e o contexto são indissociáveis (MAINGUENEAU, 2001, p. 16). Trata-se do que C. Duchet define como uma “poética da socialidade” (Idem); conjunto de mediações que “permitem pensar qualquer texto, qualquer sistema discursivo como objeto social, sem, contudo conduzi-lo ao ‘reflexo’ (...)” (R. Robin; M. Angenot apud MAINGUENEAU, 2001). Não se trata de uma sociologia da recepção do texto literário, mas sim da socialização (interação, comentários e sugestões de leituras, por ex.) de textos literários, tendo como veículo a internet e as comunidades virtuais. Uma das marcas do atual momento investigativo é o de nos determos nas leituras realizadas e comentadas em sites específicos na internet, em torno de autores ou de leituras de romances, por exemplo. Nossa comunicação focalizará, no contexto das comunidades virtuais e da rede (LÉVY, 1999): a) identificar a dinâmica do processo de recepção, leitura e apropriação; os efeitos do texto produzidos no leitor (ISER, 1996, 1999; CHARTIER, 1996, 2001), seu aspecto multidimensional (a elocução, a cultura, os contextos compartilhados), das práticas de tais leitores; compreensão do processo – marcas de continuidade e de rupturas – com um modo de ler internalizado (desde o aprendizado escolar?); b) avaliar se tais leituras possibilitam formas de sociabilidade, de autoconhecimento e de felicidade interativa, no êxito de processos de compreensão e colaboração.

Palavras-chave:

leitura , interação , cultura escrita.

1. Palavras introdutórias

Esta comunicação prioriza o conhecimento das leituras realizadas por leitores, jovens ou adultos, com ênfase nas leituras *de* conto, novela e romance, no ambiente do ciberespaço e da cibercultura (Lévy, 1999). Partimos, inicialmente, de uma hipótese investigativa inicial que considera predominante a influência da mídia em relação à escola nas práticas de leitura. Trata-se aqui de compreender a escola como instituição educacional, de um modo amplo, atentos à formação do leitor nos ensinamentos fundamental e médio, principalmente, em nossa cultura.

Quando nos determos nas comunidades virtuais que discutem literatura, despertam a nossa atenção as referências a títulos e autores trabalhados nos currículos escolares, assim como títulos e autores pouco reconhecidos, o que compõe e problematiza ainda mais nosso mosaico de questões. Para o desenvolvimento deste projeto, reunimos fundamentação, metodologia e procedimentos de pesquisa na área de Letras, com ênfase nos Estudos de Teoria da Literatura, numa orientação aplicada, pois um de nossos principais objetivos é o de conhecer repertórios de leitura (títulos, autores, gêneros, etc.) em comunidades virtuais ou da cibercultura.

Wolfgang Iser, em seu *Ato de leitura*, afirma que significado e obra transitam entre o pólo artístico (o texto) e o pólo estético (o leitor, a leitura), a pesquisa sobre os efeitos da leitura constitui-se também na observação das implicações situacionais

em que se concretiza, daí o nosso interesse sobre o modo como se socializa a leitura de romances, contos e novelas no ambiente virtual. A socialização, entre tantos modos de se motivar a leitura, pode acontecer também no momento em que se indica um título, um gênero e autor. Entre as áreas de estudos que também contribuem para a fundamentação teórica desta pesquisa, destaca-se a Análise de Discurso, em seu livro *As formas do silêncio* (1997), Eni P. Orlandi afirma:

"É assim que podemos entender o mecanismo da incompletude como constitutiva do sentido e do sujeito. O lugar em que o sujeito 'se' significa para significar. O silêncio torna possível esse gesto de interpretação mínimo (e nem por isso pequeno), aquele que nos instala na origem de nós mesmos e de nossos sentidos. Imaginariamente. Aí não interessa se a interpretação fixa ou não fixa, se é engano ou não é. O que importa é saber o que torna possível o gesto da interpretação, o que lhe dá 'origem'." (1997: 164)

Conversar sobre leituras literárias faz circular enunciados literários socialmente, e seus efeitos produzidos (a apreciação estética está presente em vários tópicos, principalmente naqueles que solicitam indicações para leitura), não apenas circunscreve a análise de textos na leitura e interpretação de textos. Em questionamentos contemporâneos aos gestos que nos levam a ler e a interpretar, produzir sentidos, como diz a autora, podem ser mínimos, mas não pequenos.

1. Da introspecção à leitura, da leitura à discussão

Significações de gestos relacionam-se às atitudes, começemos por aquelas que julgamos perdidas, num mundo tão definido pelo uso da tecnologia, pelo recurso à internet, pela instantaneidade da comunicação o que pode gerar estranheza no contexto do eixo temático Leituras, mídia e educação, no qual inserimos nosso trabalho. Não vamos contestar o valor das tecnologias e sua relação com as práticas de leitura, mas sim problematizar questões relacionadas à leitura literária tais como surgem no contexto do espaço da cibercultura.

Ultrapassemos o modo de pensar o leitor em termos presenciais, com os livros ou os textos nas mãos, manuseando suas páginas, numa solidão povoada de personagens, espaços e enredos que 'não estão ali'; pensemos o ato de ler em termos de um conjunto de atitudes, entre elas, o pensar e a introspecção, por exemplo. Pode-se partir das palavras de Zygmunt Bauman, que comenta, a seguir, uma atitude bastante ligada à imagem do leitor na nossa cultura. No livro *Identidade*, entrevista a Benedetto Vecchi, Bauman comenta que a "introspecção é uma atitude em extinção. Defrontadas com momentos de solidão em seus carros, na rua ou nos caixas de supermercados, mais e mais pessoas deixam de se entregar a seus pensamentos para, em vez disso, verificarem as mensagens deixadas no celular. (Bauman, 2005: 31-32).

A crítica a um modo de vida no qual a introspecção é atitude em processo de extinção, é um caminho interessante para nos questionarmos sobre a leitura num mundo tão marcado pela tecnologia e esta, cada vez mais, é valorizada pelo sujeito

contemporâneo, de várias partes do mundo. Se, por um lado, Bauman interpreta de modo negativo as atitudes de indivíduos com a atenção monopolizada por seus aparelhos celulares, por outro há um caminho que ele aponta e que consideramos decisivo para pensar, de um modo compreensivo, a introspecção, presente tanto no gesto de ler quanto no ato de se voltar para si mesmo e selecionar um texto ou livro importante para o outro.

Ao valorizarmos espaços, em rede, principalmente, aqueles nos quais indivíduos possam conversar sobre leituras, promove-se uma valorização de atitudes que também envolvem a introspecção, a atenção ao outro, a 'escuta' de argumentação, exposição de idéias e percepções ou visões de mundo, de literatura, de arte, entre outras.

É a partir dessa compreensão que procuramos identificar, com Pierre Lévy, em sua obra *Cibercultura* (1999), os valores e atitudes que estão em jogo no ciberespaço.

Neste mundo em que as diferenças - sociais, étnicas, religiosas, econômicas, etc. - abalam as linhas da tradição, porque os homens "por excelência são os membros da tribo" (Lévy, 1999: 248), destaca-se o valor da tese defendida por Pierre Lévy em *Cibercultura*: o conceito de universal sem totalidade (1999: 247). Se a atividade científica "dirige-se a todos por intermédio de um sujeito transcendental do conhecimento, do qual participa cada um dos membros da comunidade" (p. 247), e a religião reúne pela transcendência, o ciberespaço é o lugar em que se concretiza a "presença do humano frente a si mesmo", empregando uma tecnologia real, imanente, palpável (Idem). A totalidade, para P. Lévy, é a "unidade estabilizada do sentido de uma diversidade", é um "fechamento semântico abrangente" (Idem). A unidade estabilizada do sentido e seu fechamento semântico abrangente nos levam a virar pelo avesso algumas de nossas idéias e preconceitos em relação ao uso de computadores e da internet.

Um dos grandes adventos da difusão da tecnologia na sociedade contemporânea é a cibercultura que, por sua vez, "inventa outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não pela imposição da unidade de sentido" (1999: 248).

Numa tentativa de filtrar os excessos, pois há comunidade de discussão para todo e qualquer gosto (mas não é assim o mundo, ruidoso e vário?), a reunião de pessoas dá-se pelo foco, a interação existe mesmo se não há concordância, e a própria idéia de concordância não é a principal meta neste meio, mas sim a discussão. Este é o ato que reúne pessoas que pensam e agem seguindo modelos de conduta, de atitudes e modos de discernimento diferenciados, mas que se voltam para a problematização de algo, no caso, a leitura de um romance, um texto específico. Esse gesto, por sua vez, aproxima pessoas que, talvez, jamais se encontrassem ou se falassem, fazendo com que o improvável deslize a partir dos sentidos dados pelos que interagem.

Não é possível associar tais atitudes à polifonia? A polifonia, portanto, pode emergir de processos heterogêneos no lugar e tempo em que prevalece a percepção de que as pessoas têm sua subjetividade neutralizada. Promover conversas, falas, pensar, reunir pessoas em torno de perguntas, sem a pretensão de se chegar à concordância, é um modo rico de se promover processos polifônicos na geração de questões. Estamos, então, não apenas no campo do uso de novas tecnologias e meios, mas sim no campo da subjetividade.

Nas palavras de Solange Jobim Souza, estudiosa que retoma, com êxito, as palavras de M. Bakhtin, é preciso "pautar a polifonia não só na linguagem, mas na

subjetividade, sem pretensão universalista, mas com predisposição à singularidade e à finitude." (Souza, 2005, p. 43). A polifonia, tão importante nos estudos de Bakhtin, não estaria em foco no modo de discussão das comunidades em rede? Para Pierre Lévy, o

"Ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço." (1999: 17)

No atual cenário social, perguntamo-nos pela multiplicidade de fatores que atravessam as práticas de leituras na contemporaneidade. A leitura, entendida como um modo também de socializar experiências individuais, é um campo fértil para um olhar atento às questões atuais de violência social, daquela que ocorre no campo empírico aquela que tratamos de violência simbólica. Tal digressão, mesmo breve, diz respeito, hoje, à importância da leitura literária no processo civilizador do qual a escola é uma instituição decisiva, apesar de todas as adversidades, como agente formador de cidadãos.

Se há o se pode observar nas comunidades em rede e ressignificá-lo nas relações e práticas da complexa tarefa de educar, retomamos alguns registros de títulos de uma das comunidades criadas com a finalidade de discutir, comentar, divulgar autores e obras da literatura contemporânea: <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=5910132>. [1]

Esta comunidade de discussão, criada em 21/10/2005, conta com o registro de participação de 351 (trezentos e cinquenta e um) membros, com apenas um tópico: "Que livro contemporâneo vc recomenda?". A partir das respostas, selecionamos alguns dos títulos de livros em prosa citados, contos, novelas e romances, são eles: *Canto dos malditos*, de Austregésilo Carrano Bueno (o texto autobiográfico teve sua versão para o cinema na película intitulada "Bicho de sete cabeças"); *O mistério da casa verde*, de Moacyr Scliar; *Os lados do círculo*, de Amílcar Bettega; *Dois irmãos*, Milton Hatoum; *O risco do bordado*, Sinos da agonia, *Ópera dos mortos*, todos romances de Autran Dourado; *Matar um homem*, de Ricardo Medeiros Ramos; *Inferno*, de Patrícia Melo; *Joana a contragosto*, *O azul do filho morto*, ambos de Marcelo Mirisola; *Sombras de reis barbudos*, de José J. Veiga; *As horas podres*, de Jerônimo Teixeira.

Entre os autores, destacam-se aqueles já consagrados pela crítica e pelo público - Moacyr Scliar, Autran Dourado, José J. Veiga e, mais recentemente reconhecidos os nomes de Milton Hatoum, Patrícia Melo e Marcelo Mirisola. Entre as obras de escritores desconhecidos como autores de literatura, encontra-se a indicação de *As horas podres*, novela (publicada pela Bertrand Brasil, em 2007), de Jerônimo Teixeira, crítico literário de uma revista de alcance nacional.

Tais referências constroem para os leitores internautas um elenco de obras consagradas há algumas décadas, como é o caso dos livros de Autran Dourado, Moacyr Scliar e José J. Veiga, autores lidos, com alguma probabilidade, pela difusão do cânone escolar no qual a literatura é um modo de dizer e apresentar mundos aos leitores. Entre os membros de uma comunidade tomada como um parâmetro

possível pela sua proposta de reunir indicações de títulos da literatura contemporânea, identificamos elos com a tradição - a escola - bem marcados, o que procuraremos explorar nos desdobramentos do projeto, ao dialogarmos com os contrapontos que o conhecimento cultural possa trazer para a investigação no âmbito de um curso de Letras.

1. Conclusões

Numa leitura introdutória do *estado da questão leitura*, pode-se afirmar genericamente - *os brasileiros lêem mais* (constatação repetida por estudiosos do assunto desde a década de noventa) -: há mais livros, em quantidade, mas não se lê melhor. Os investimentos do Estado reforçam as práticas do que se pode denominar leitura extensiva (Chartier, 2001), voltada para a diversidade de textos, mas não de aperfeiçoamento nos modos de ler os gêneros.

A variedade de títulos, formatos, gêneros disponíveis, assim como as melhorias nas formas de acesso ao livro e ao material escrito, principalmente o literário, não consolida ainda uma significativa inserção cultural, mas nos apresenta algumas pistas (Quelhas, 2008).

No âmbito da educação, podemos pensar na formação de leitores em nossos cursos de Letras, quando também se observa uma gradual exclusão de certo *modo de ler literatura*. Podemos deduzir que tal exclusão possa resultar de uma problematização ou negação dos protocolos de leitura (lêem-se textos literários como se lê um jornal, uma revista, uma reportagem ou como se assiste a uma novela, por exemplo). No entanto, constatamos também a diversidade de leituras, em seus vários formatos e veículos, que compõe a formação dos jovens, não apenas nas universidades em grandes e povoadas metrópoles.

Em vários artigos importantes sobre leituras e processos formação de leitor, é afirmado que as leituras preferidas, atualmente, são aquelas que não problematizam o saber do leitor (grifo nosso) (Soares, 2002). A não problematização do saber do leitor pode corresponder ao vazio deixado por algumas funções da literatura, tais como foram consagradas desde o século 19, quanto se pretendia encontrar, através das leituras, a força de respostas aos vários questionamentos emergentes, uma das formas de se pensar, de modo ampliado, o saber enciclopédico que, até hoje, os críticos assinalam ser requisitado pela leitura da obra literária. Desde fins do século 19 e inícios do século 20, a literatura, de um modo genérico, recusa a atender às expectativas de leitores, assim como refuta a idéia de literatura como mera representação do real; pelo contrário, dedica-se a problematizar o saber do leitor, o que, ao longo de todo o século, foi desenvolvido tanto na forma (a pulverização do enredo, os múltiplos pontos de vista de narradores, a desestabilização de expectativas dos leitores, entre outros), quanto na exploração de temas cada vez mais desafiadores no presente que não cessa de existir.

No âmbito de nosso estudo, é significativa no momento atual a multiplicação das formas de acesso e usos do material escrito, principalmente livros num contexto de formação educacional como compreendemos a biblioteca. É notória a importância da diversificação de gêneros e de acesso ao material de leitura na formação de cidadãos leitores, uma das funções das entidades educacionais e do Estado. Constatamos a presença positiva e crescente da

socialização de textos, o acesso às bibliotecas virtuais de 'domínio público', promovido por iniciativas governamentais, uma ação de sucesso nas formas de acesso à leitura e a textos raros ou de custo elevado. Tais bibliotecas em rede tornam acessíveis acervos que podem ser consultados e lidos, desde que haja acesso ao computador em rede, parte integrante de nossos principais objetivos.

Dos objetivos iniciais a pergunta inicial sobre os modos de ler desdobra-se em outra: a leitura de romances propicia a construção de elos sociais? Ao nos voltarmos para a leitura em ambiente virtual, consideramos o ambiente virtual um caminho legítimo para investigar a leitura de romances[2], realizada por leitores de variada faixa etária, tendo como ponto de partida comunidades na internet (no Orkut, por exemplo, há várias comunidades de discussão em torno de um autor ou livro específico, ou até mesmo de um gênero como o romance policial).

Consideramos que a interação entre leitores e a interação entre leitores e obra lida (romance, novela ou conto literário), registrada em sites especializados é importante, hoje, para os estudos sobre a circulação e recepção de textos literários, talvez como ocorreu com a seção de jornal intitulada Cartas dos leitores, em que se discutia algum tema ou livro proposto por periódicos especializados em literatura. Os resultados alcançados até o momento propõem não apenas um avanço no conhecimento efetivo de práticas de leitura (motivações, modos de ler internalizados por grupos sociais diferenciados, por faixa etária, por gênero, homens e mulheres, por exemplo, ou, ainda, por graus de escolaridade), mas a compreensão dos significados simbólicos e sociais de escolhas que, ao serem socializadas, dizem respeito a um amplo espectro de atitudes e gestos que podem fazer alguma diferença ou pelo menos começar a fazer.

Entre nossas conclusões, destacamos a necessidade de se construir intervenções compartilhadas - instituições educacionais, universidades, escolas; entre alunos de graduação e alunos do ensino médio e fundamental, por exemplo - possibilitadas por eventos de culminância (congressos científicos, artigos em periódicos e similares) e ações direcionadas a grupos sociais e objetivos específicos (realização de mini-cursos, oficinas e similares voltados para a formação de professores leitores).

Nas comunidades virtuais registram-se não preferências individuais, mas um processo de interação e tentativas de ouvir o outro a partir de uma escolha, e, como vimos, nessas escolhas a escola ainda atua, apesar dos prognósticos pessimistas.

A construção de uma memória de textos e leituras realiza o perfil prospectivo do projeto: o registro de memórias de leituras e de leitores em cenários socialmente construídos. A construção dessa memória, tanto individual quanto social, está relacionada à investigação do processo de apropriação que singulariza a leitura literária como experiência emocional e cognitiva, além de possibilitar o compartilhamento compreensivo de enunciados literários, nem falsos nem verdadeiros, que podem dizer outra coisa, solicitando uma aresta avaliadora, modos de ler, pensar e agir criticamente.

Construir caminhos que levem a outros futuros possíveis, não aqueles ironizados por Terry Eagleton: "O futuro seria, simplesmente, o presente indefinidamente repetido - ou, como destacaram os pós-modernistas, 'o presente *plus* mais opções'" (Eagleton, 2005: 20).

Não se trata simplesmente de investigar o ambiente de leitura em rede, sua socialização e motivações de seus leitores e participantes, mas sim de ampliar e

conhecer os lugares de socialização da leitura, observar e intervir quando, onde e como se promove a leitura, sem preconceitos quanto ao veículo, atentos às mudanças nos modos de ler os gêneros literários, e as relações que tal mediação (a internet, o ambiente virtual) promove e aprofunda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade* - entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. *Formas e Sentido. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria* - um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Norma Sandra de A. *A pesquisa sobre leitura no Brasil - 1980-1995*. Campinas: Komedi; Arte Escrita, 2001.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Uma teoria do efeito estético.V.1. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____.V.2. Idem, 1999.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.) *Oficina de leitura*. Teoria e prática. São Paulo: Pontes, Ed. Unicamp, 1995.

_____. *Texto & leitor*. Aspectos cognitivos da leitura. 7e. São Paulo: Campinas: Pontes, 2000.

LATERMAN, Ilana. *Violência e incivilidade na escola*. Nem vítimas, nem culpados. Florianópolis, Santa Catarina: Obra Jurídica, 2000.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Luiz Costa (sel., coord., org.). *A literatura e o leitor*. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio* - no movimento dos sentidos. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Org.) *Literatura e letramento* - espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/UFMG, 2003.

SOARES, Magda. *Letramento* - um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, Solange Jobim (Org.) *Subjetividade em questão. A infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

7.1 - Referência digital

QUELHAS, Iza. "Rios cifrados na rua: leituras de trabalhadores em São Gonçalo". In: *Revista Soletras*. Edição Suplemento: Linguagens, identidades, Ensino - modos de pensar, modos de fazer. São Gonçalo, Rio de Janeiro: Ano 8, n. 16, jul./dez.2008. Suplemento, p. 12-39. Site acesso: <http://www.filologia.org.br/soletras/16sup/linguagens>

[1] A escolha de uma determinada comunidade deveu-se não a uma avaliação qualitativa das intervenções nas várias comunidades investigadas, mas sim à atenção voltada para a literatura contemporânea, assim como a atualidade do último acesso que ocorreu em 2009, o que nos leva a crer, não sem suspeitas, que a comunidade possa continuar em atividade, provocando perguntas e também respostas.

1 O bolsista Gabriel da Matta, que atua no projeto desde 2008, focaliza em seu texto a comunidade virtual criada para discutir e comentar as leituras de romances de João Gilberto Noll.

1. Palavras introdutórias

Esta comunicação vincula-se ao projeto Modos de ler, desenvolvido desde 2008, na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Nossa investigação prioriza o conhecimento das leituras realizadas por leitores, jovens ou adultos, com ênfase nas leituras *de conto*, novela e romance, no ambiente do ciberespaço e da cibercultura (Lévy, 1999). Partimos, inicialmente, de uma hipótese investigativa inicial que considera predominante a influência da mídia em relação à escola nas práticas de leitura. Trata-se aqui de compreender a escola como instituição educacional, de um modo amplo, atentos à formação do leitor nos ensinamentos fundamental e médio, principalmente, em nossa cultura.

No início do projeto, em pesquisas realizadas nas escolas de ensino fundamental e médio de uma região metropolitana no Rio de Janeiro, constatamos uma significativa interferência de títulos divulgados pela mídia, enquanto se nota um afastamento desses jovens leitores de títulos consagrados pela instituição escolar. Ao nos determos nas comunidades virtuais que discutem literatura, despertou nossa atenção as referências a títulos e autores trabalhados nos currículos escolares, assim como títulos e autores pouco reconhecidos, o que compõe e problematiza ainda mais nosso mosaico de questões.

Para o desenvolvimento deste projeto, reunimos fundamentação, metodologia e procedimentos de pesquisa na área de Letras, com ênfase nos Estudos de Teoria da Literatura, numa orientação aplicada, pois um de nossos principais objetivos é o de conhecer repertórios de leitura (títulos, autores, gêneros, etc.) em comunidades virtuais ou da cibercultura.

Wolfgang Iser, em seu *Ato de leitura*, afirma que significado e obra transitam entre o pólo artístico (o texto) e o pólo estético (o leitor, a leitura), a pesquisa sobre os efeitos da leitura constitui-se também na observação das implicações situacionais em que se concretiza, daí o nosso interesse sobre o modo como se socializa a leitura de romances, contos e novelas no ambiente virtual. A socialização, entre tantos modos de se motivar a leitura, pode acontecer também no momento em que se indica um título, um gênero e autor.

Entre as áreas de estudos que também contribuem para a fundamentação teórica desta pesquisa, destaca-se a Análise de Discurso, em seu livro *As formas do silêncio* (1997), Eni P. Orlandi afirma:

É assim que podemos entender o mecanismo da incompletude como constitutiva do sentido e do sujeito. O lugar em que o sujeito 'se' significa para significar. O silêncio torna possível esse gesto de interpretação mínimo (e nem por isso pequeno), aquele que nos instala na origem de nós mesmos e de nossos sentidos. Imaginariamente. Aí não interessa se a interpretação fixa ou não fixa, se é engano ou não é. O que importa é saber o que torna possível o gesto da interpretação, o que lhe dá 'origem'. (Orlandi, 1997: 164)

Conversar sobre leituras literárias faz circular enunciados literários socialmente, e seus efeitos produzidos (a apreciação estética está presente em vários tópicos, principalmente naqueles que solicitam indicações para leitura), não apenas circunscreve a análise de textos na leitura e interpretação de textos. Em questionamentos contemporâneos aos gestos que nos levam a ler e a interpretar, produzir sentidos, como diz a autora, podem ser mínimos, mas não pequenos.

2. Da introspecção à leitura, da leitura à discussão

Significações de gestos relacionam-se a atitudes, comecemos por aquelas que julgamos perdidas, num mundo tão definido pelo uso da tecnologia, pelo recurso à internet, pela instantaneidade da comunicação o que pode gerar estranheza no contexto do eixo temático Leituras, mídia e educação, no qual inserimos nosso trabalho. Não vamos contestar o valor das tecnologias e sua relação com as práticas de leitura, mas sim problematizar questões relacionadas à leitura literária tais como surgem no contexto do espaço da cibercultura.

Ultrapassemos o modo de pensar o leitor em termos presenciais, com os livros ou os textos nas mãos, manuseando suas páginas, numa solidão povoada de personagens, espaços e enredos que 'não estão ali'; pensemos o ato de ler em termos de um conjunto de atitudes, entre elas, o pensar e a introspecção, por exemplo. Pode-se partir das palavras de Zygmunt Bauman, que comenta, a seguir, uma atitude bastante ligada à

imagem do leitor na nossa cultura. No livro *Identidade*, entrevista a Benedetto Vecchi, Bauman comenta que a

Introspecção é uma atitude em extinção. Defrontadas com momentos de solidão em seus carros, na rua ou nos caixas de supermercados, mais e mais pessoas deixam de se entregar a seus pensamentos para, em vez disso, verificarem as mensagens deixadas no celular. (Bauman, 2005: 31-32).

A crítica a um modo de vida no qual a introspecção é atitude em processo de extinção é um caminho interessante para nos questionarmos sobre a leitura num mundo tão marcado pela tecnologia, e esta cada vez mais é valorizada pelo sujeito contemporâneo, de várias partes do mundo. Se, por um lado, Bauman interpreta de modo negativo as atitudes de indivíduos com a atenção monopolizada por seus aparelhos celulares, por outro há um caminho que ele aponta e que consideramos decisivo para pensar, de um modo compreensivo, a introspecção, presente tanto no gesto de ler quanto no ato de se voltar para si mesmo e selecionar um texto ou livro importante para o outro.

Ao valorizarmos espaços, em rede, principalmente, aqueles nos quais indivíduos possam conversar sobre leituras, promove-se uma valorização de atitudes que também envolvem a introspecção, a atenção ao outro, a ‘escuta’ de argumentação, exposição de idéias e percepções ou visões de mundo, de literatura, de arte, entre outras.

É a partir dessa compreensão que procuramos identificar, com Pierre Lévy, em sua obra *Cibercultura* (1999), os valores e atitudes que estão em jogo no ciberespaço.

Neste mundo em que as diferenças – sociais, étnicas, religiosas, econômicas, etc. – abalam as linhas da tradição, porque os homens “por excelência são os membros da tribo” (Lévy, 1999: 248), destaca-se o valor da tese defendida por Pierre Lévy em *Cibercultura*: o conceito de universal sem totalidade (1999: 247). Se a atividade científica “dirige-se a todos por intermédio de um sujeito transcendental do conhecimento, do qual participa cada um dos membros da comunidade” (Idem), e a religião reúne pela transcendência, o ciberespaço é o lugar em que se concretiza a “presença do humano frente a si mesmo”, empregando uma tecnologia real, imanente, palpável (Idem). A totalidade, para P. Lévy, é a “unidade estabilizada do sentido de uma diversidade”, é um “fechamento semântico abrangente” (Idem). Essa unidade estabilizada do sentido e seu fechamento semântico abrangente nos levam a virar pelo avesso algumas de nossas idéias e preconceitos em relação ao uso de computadores e da internet.

Um dos grandes adventos da difusão da tecnologia na sociedade contemporânea é a cibercultura que, por sua vez, “inventa outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não pela imposição da unidade de sentido” (1999: 248). Numa tentativa de filtrar os excessos, pois há comunidade de discussão para todo e qualquer gosto (mas não é assim o mundo, ruidoso e vário?), a reunião de pessoas dá-se pelo foco, a interação existe mesmo se não há concordância, e a própria idéia de concordância não é a principal meta neste meio, mas sim a discussão. Este é o ato que reúne pessoas que pensam diferente, agem diferente, mas que se voltam para a problematização de algo, no caso, a leitura de um romance, um texto específico. Esse gesto, por sua vez, aproxima pessoas que, talvez, jamais se encontrassem ou se falassem, fazendo com que o improvável deslize a partir dos sentidos dados pelos que interagem.

Não seria adequado associar tais atitudes – a de não imposição de sentido é uma delas – à polifonia? A polifonia, portanto, pode emergir de processos heterogêneos no lugar e tempo em que prevalece a percepção de que as pessoas têm sua subjetividade neutralizada. Promover conversas, falas, pensar, reunir pessoas em torno de perguntas, sem a pretensão de se chegar à concordância, é um modo rico de se promover processos polifônicos na geração de questões. Estamos, então, não apenas no campo do uso de novas tecnologias e meios, mas sim no campo da subjetividade.

Nas palavras de Solange Jobim Souza, estudiosa que retoma, com êxito, as palavras de M. Bakhtin, é preciso “pautar a polifonia não só na linguagem, mas na subjetividade, sem pretensão universalista, mas com predisposição à singularidade e à finitude.” (Souza, 2005, p. 43). A polifonia, tão importante nos estudos de Bakhtin, não estaria em foco no modo de discussão das comunidades em rede? Para Pierre Lévy, o

Ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (1999 : 17)

No atual cenário social, perguntamo-nos pela multiplicidade de fatores que atravessam as práticas de leituras na contemporaneidade. A leitura, entendida como um modo também de socializar experiências individuais, é um campo fértil para um olhar atento às questões atuais de violência social, daquela que ocorre no campo empírico aquela que tratamos de violência simbólica. Tal digressão, mesmo breve, diz respeito, hoje, à importância da leitura literária no processo civilizador do qual a escola é uma instituição decisiva, apesar de todas as adversidades, como agente formador de cidadãos.

Se há algo que se pode observar nas comunidades em rede e levar para as relações e práticas na difícil tarefa de educar, começemos por alguns registros de títulos de uma das comunidades criadas com a finalidade de discutir, comentar, divulgar autores e obras da literatura contemporânea:

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=5910132>.¹

Esta comunidade de discussão, criada em 21/10/2005, conta com o registro de participação de 351 (trezentos e cinquenta e um) membros, com apenas um tópico: “Que livro contemporâneo vc recomenda?”. A partir das respostas, selecionamos alguns dos títulos de livros em prosa citados, contos, novelas e romances, são eles: *Canto dos malditos*, de Austregésilo Carrano Bueno, autor também do texto que teve sua versão para o cinema, sendo a película intitulada “Bicho de sete cabeças”; *O mistério da casa verde*, de Moacyr Scliar; *Os lados do círculo*, de Amílcar Bettega; *Dois irmãos*, Milton Hatoum; *O risco do bordado*, Sinos da agonia, *Ópera dos mortos*, todos romances de Autran Dourado; *Matar um homem*, de Ricardo Medeiros Ramos; *Inferno*, de Patrícia Melo; *Joana a contragosto*, *O azul do filho morto*, ambos de Marcelo Mirisola; *Sombras de reis barbudos*, de José J. Veiga; *As horas podres*, de Jerônimo Teixeira. Entre os autores, destacam-se aqueles já consagrados pela crítica e pelo público - Moacyr Scliar, Autran Dourado, José J. Veiga e, mais recentemente reconhecidos os nomes de Milton Hatoum, Patrícia Melo e Marcelo Mirisola. Entre as obras de escritores desconhecidos como autores de literatura, encontra-se a indicação de *As horas podres*, novela (publicada pela Bertrand Brasil, em 2007), de Jerônimo Teixeira, crítico literário de uma revista de alcance nacional.

Tais referências constroem para os leitores internautas um elenco de obras consagradas há algumas décadas, como é o caso dos livros de Autran Dourado, Moacyr Scliar e José

¹ A escolha de uma determinada comunidade deveu-se não a uma avaliação qualitativa de intervenções nas várias comunidades investigadas, mas sim à atenção voltada para a literatura contemporânea, assim como a atualidade do último acesso que ocorreu em 2009, o que nos leva a crer, não sem suspeitas, que a comunidade pode continuar provocando perguntas e também respostas.

J. Veiga, autores lidos, com alguma probabilidade, pela difusão do cânone escolar no qual a literatura é um modo de dizer e apresentar mundos aos leitores. Entre os membros de uma comunidade tomada como um parâmetro possível pela sua proposta de reunir indicações de títulos da literatura contemporânea, identificamos elos com a tradição – a escola – bem marcados, o que procuraremos explorar nos desdobramentos do projeto, ao dialogarmos com os contrapontos que o conhecimento cultural possa trazer para a investigação no âmbito de um curso de Letras.

3. Conclusões

Numa leitura introdutória do *estado da questão leitura*, pode-se afirmar genericamente – *os brasileiros lêem mais* (constatação repetida por estudiosos do assunto desde a década de noventa) –: há mais livros, em quantidade, mas não se lê melhor. Os investimentos do Estado reforçam as práticas do que se pode denominar leitura extensiva (Chartier, 2001), voltada para a diversidade de textos, mas não de aperfeiçoamento nos modos de ler os gêneros.

A variedade de títulos, formatos, gêneros disponíveis, assim como as melhorias nas formas de acesso ao livro e ao material escrito, principalmente o literário, não consolida ainda uma significativa inserção cultural, mas nos apresenta algumas pistas (Quelhas, 2008).

Se, com leitores reais, podemos pensar em nossos alunos nas aulas de literatura brasileira contemporânea, observa-se uma gradual exclusão de certo *modo de ler literatura*, podemos concluir que tal exclusão pode ser resultado de um desconhecimento ou negação dos protocolos de leitura (lêem-se textos literários como se lê um jornal, uma revista, uma reportagem ou como se assiste a uma novela, por exemplo). No entanto, constatamos também a diversidade de leituras, em seus vários formatos e veículos, que compõe a formação dos jovens, não apenas nas universidades em grandes e povoadas metrópoles.

Em vários artigos importantes sobre leituras e processos formação de leitor, é afirmado que as leituras preferidas, atualmente, são aquelas que não problematizam o saber do leitor (grifo nosso) (Soares, 2002). Esta não problematização do saber do leitor pode corresponder ao vazio deixado por algumas funções da literatura, tais como foram consagradas desde o século 19, quanto se pretendia encontrar, através das leituras, a força de todas as respostas, uma das formas de se pensar o saber enciclopédico que, até

hoje, os críticos apontam na obra literária. Mais tarde, desde fins do século 19 e inícios do século 20, a literatura, de um modo genérico, dedica-se a problematizar o saber do leitor, o que ao longo de todo o século foi desenvolvido tanto na forma (a pulverização do enredo, os múltiplos pontos de vista de narradores que não compõem respostas, a desestabilização de expectativas dos leitores, entre outros), quanto na exploração de temas cada vez mais presentes na contemporaneidade, instalando-se o não saber no âmbito da leitura literária que refuta a idéia de literatura como representação.

No âmbito de nosso estudo, é significativa no momento atual a multiplicação das formas de acesso e usos do material escrito, principalmente livros num contexto de formação educacional como compreendemos a biblioteca. É notória a importância da diversificação de gêneros e de acesso ao material de leitura na formação de cidadãos leitores, uma das funções das entidades educacionais e do Estado. Constatamos a presença positiva e crescente da socialização de textos, o acesso às bibliotecas virtuais de 'domínio público', promovidas por iniciativas governamentais, que representam uma ação de sucesso nas formas de acesso à leitura e a textos raros ou de custo elevado. Tais bibliotecas em rede tornam acessíveis acervos que podem ser consultados e lidos, desde que haja acesso ao computador em rede, parte integrante de nossos principais objetivos. Dos objetivos iniciais a pergunta inicial sobre os modos de ler desdobra-se em outra: a leitura de romances propicia a construção de elos sociais? Ao nos voltarmos para a leitura em ambiente virtual, consideramos o ambiente virtual um caminho legítimo para investigar a leitura de romances², realizada por leitores de variada faixa etária, tendo como ponto de partida comunidades na internet (no Orkut, por exemplo, há várias comunidades de discussão em torno de um autor ou livro específico, ou até mesmo de um gênero como o romance policial).

Consideramos que a interação entre leitores e a interação entre leitores e obra lida (romance ou conto literário), registrada em sites especializados é importante, hoje, para os estudos sobre a circulação e recepção de textos literários, talvez como ocorreu com a seção de jornal intitulada Cartas dos leitores, em que se discutia algum tema ou livro proposto por periódicos especializados em literatura. Os resultados alcançados até o momento propõem não apenas um avanço no conhecimento efetivo de práticas de leitura (motivações, modos de ler internalizados por grupos sociais diferenciados, por faixa etária, por gênero, homens e mulheres, por exemplo, ou, ainda, por graus de

¹ O bolsista Gabriel da Matta, que atua no projeto desde 2008, focaliza em seu texto a comunidade virtual em torno das leituras de romances de João Gilberto Noll.

escolaridade), mas a compreensão dos significados simbólicos e sociais de escolhas que, ao serem socializadas, dizem respeito a um amplo espectro de atitudes e gestos que podem fazer alguma diferença ou pelo menos começar a fazer.

Entre nossas conclusões, destacamos a necessidade de se construir intervenções compartilhadas – instituições educacionais, universidades, escolas; entre alunos de graduação e alunos do ensino médio e fundamental, por exemplo – possibilitadas por eventos de culminância (congressos científicos, artigos em periódicos e similares) e ações direcionadas a grupos sociais e objetivos específicos (realização de mini-cursos, oficinas e similares voltados para a formação de professores leitores).

Nas comunidades virtuais registra-se não apenas uma preferência individual, mas um processo de interação ou tentativa de ouvir o outro a partir de uma escolha, e, como vimos, nessas escolhas a escola ainda atua, apesar dos prognósticos pessimistas.

A construção de uma memória de textos e leituras realiza o perfil prospectivo do projeto: o registro de memórias de leituras e de leitores em cenários socialmente construídos. A construção dessa memória, tanto individual quanto social, está relacionada à investigação do processo de apropriação que singulariza a leitura literária como experiência emocional e cognitiva, além de possibilitar o compartilhamento compreensivo de enunciados literários, nem falsos nem verdadeiros, que podem dizer outra coisa, solicitando uma aresta avaliadora, modos de ler, pensar e agir criticamente. Construir caminhos que levem a outros futuros, não aqueles ironizados por Terry Eagleton: “O futuro seria, simplesmente, o presente indefinidamente repetido – ou, como destacaram os pós-modernistas, ‘o presente *plus* mais opções’” (Eagleton, 2005: 20).

Não se trata simplesmente de investigar o ambiente de leitura em rede, sua socialização e motivações de seus leitores e participantes, mas sim de observar e intervir quando, onde e como se promove a leitura, sem preconceitos quanto ao veículo, mas atentos às mudanças nos modos de ler os gêneros literários, e as relações que tal mediação (a internet, o ambiente virtual) promove e aprofunda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade* – entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. *Formas e Sentido. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2003.
- EAGLETON, Terry. *Depois da teoria* – um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FERREIRA, Norma Sandra de A. *A pesquisa sobre leitura no Brasil – 1980-1995*. Campinas: Komedi; Arte Escrita, 2001.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Uma teoria do efeito estético. V.1. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. V.2. Idem, 1999.
- KLEIMAN, Ângela B. (Org.) *Oficina de leitura*. Teoria e prática. São Paulo: Pontes, Ed. Unicamp, 1995.
- _____. *Texto & leitor*. Aspectos cognitivos da leitura. 7e. São Paulo: Campinas: Pontes, 2000.
- LATERMAN, Ilana. *Violência e incivilidade na escola*. Nem vítimas, nem culpados. Florianópolis, Santa Catarina: Obra Jurídica, 2000.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, Luiz Costa (sel., coord., org.). *A literatura e o leitor*. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio* – no movimento dos sentidos. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.
- PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Org.) *Literatura e letramento* – espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/UFMG, 2003.
- SOARES, Magda. *Letramento* – um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SOUZA, Solange Jobim (Org.) *Subjetividade em questão*. A infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

7.1 - Referência digital

QUELHAS, Iza. “Rios cifrados na rua: leituras de trabalhadores em São Gonçalo”. In: *Revista Soletras*. Edição Suplemento: Linguagens, identidades, Ensino – modos de pensar, modos de fazer. São Gonçalo, Rio de Janeiro: Ano 8, n. 16, jul./dez.2008. Suplemento, p. 12-39. Site acesso:

<http://www.filologia.org.br/soletras/16sup/linguagens>